



Thomas Carlyle

*Sartor
Resartus*

*Vida e Opiniões
de Herr Teufelsdröckh*

Tradução

Teresa Aica Bairos

N I M P R E N S A
N A C I O N A L



Obra distinguida com o prémio de tradução
Imprensa Nacional/Vasco Graça Moura 2020

O Prémio Imprensa Nacional/Vasco Graça Moura foi instituído em 2015, em homenagem ao cidadão, autor, intelectual e antigo administrador da INCM responsável pelo pelouro editorial, para distinguir anualmente obras inéditas de Poesia, Ensaio e Tradução, áreas em que Vasco Graça Moura particularmente se notabilizou.

Com a atribuição deste prémio, a Imprensa Nacional reforça a missão que lhe cumpre, enquanto editora pública, de promoção e preservação do património da língua e da cultura portuguesas.

CAPÍTULO I: PREÂMBULO

Considerando o estado avançado da nossa cultura atual e como, com maior ou menor efeito, a Tocha da Ciência vem sendo brandida e arvorada há cinco mil anos ou mais; e como, em particular nos tempos que correm, não só a Tocha continua a arder, porventura mais ferosa do que nunca, mas também são inúmeras as Velas de Sebo e os Fósforos de Enxofre que, por ela acesos, refulgem em todas as direções, pelo que nem a mais ínfima brecha ou fenda na rocha da Natureza ou da Arte logram ficar na treva, poderá causar alguma surpresa a quem de espírito reflexivo que, até à data, pouco ou nada de caráter fundamental, quer por via da Filosofia, quer por via da História, se tenha escrito sobre o tema da Roupá.

A nossa Teoria da Gravitação é praticamente perfeita: Lagrange², como bem se sabe, provou que o Sistema Planetário, com base neste modelo, durará para sempre; Laplace³, mais astutamente ainda, supõe até que ele não se poderia ter formado com base em qualquer outro modelo. De modo que, pelo menos assim, os nossos Diários de Bordo podem ser mais precisos; e o transporte aquático de todos os tipos se tornou mais conveniente. De Geologia e Geognosia sabemos quanto

² Joseph Louis Lagrange (1736-1813), astrónomo e matemático franco-italiano conhecido pelo seu trabalho sobre os movimentos dos planetas.

³ Pierre-Simon Laplace (1749-1827), astrónomo e matemático francês conhecido pelos seus estudos sobre a mecânica celeste.

baste, não foram os trabalhos dos nossos Werners⁴ e Huttons⁵, não fora o génio ardente dos seus discípulos — e eis-nos ora no ponto em que, para muitas Reais Sociedades, a Criação do Mundo pouco mais misteriosa é do que a confeção de um Pastel Recheado; mistério esse, aliás, cuja questão a ele associada de saber «*Como se enfiaram lá dentro as maçãs?*»⁶ produziu dificuldades para alguns espíritos. Porquê mencionar as nossas disquisições sobre o Contrato Social, o Padrão do Gosto, as Migrações do Arenque? Pois não temos uma Doutrina da Renda, uma Teoria do Valor, Filosofias da Linguagem, da História, da Olaria, das Aparições, dos Licores Inebriantes? A vida e o ambiente⁷ do Homem foram totalmente eviscerados e elucidados; quase não há fragmento ou fibra da Alma, Corpo e Posses que não tenha sido examinado, dissecado, destilado, dessecado e cientificamente decomposto: as nossas Faculdades espirituais, que se afiguram não escassas, têm os seus Stewarts⁸, Cousins⁹, Royer-Collards¹⁰: cada Tecido celular, vascular e muscular se vangloria dos seus Lawrences¹¹, Majendies¹² e Bichats¹³.

⁴ Abraham Gottlob Werner (1749-1817), geólogo alemão.

⁵ James Hutton (1726-1797), geólogo escocês.

⁶ Referência a um poema sobre o rei Jorge III, «The Apple Dumplings and a King», da autoria do satirista inglês John Wolcot (1738-1819), sob o pseudónimo de Peter Pindar:

*“Very astonishing indeed! Strange thing!”
(Turning the Dumpling round, rejoined the King),
“Tis most extraordinary, then, all this is;
It beats Penetti’s conjuring all to pieces;
Strange I should never of a Dumpling dream!
But, Goody, tell me where, where, where’s the Seam?”
“Sire, there’s no Seam”, quoth she, “I never knew
“That folks did Apple-Dumplings sew.”
“No!”, cried the staring Monarch with a grin;
“How, how the devil got the Apple in?”*

⁷ “Environment”, em inglês, foi um neologismo cunhado pelo próprio Carlyle à laia de tradução do termo alemão «Umgebung». Utilizado pela primeira vez em 1828 num ensaio sobre Goethe, tinha na época um sabor a estrangeirismo dúbio.

⁸ Dugald Stewart (1753-1828), filósofo e matemático escocês.

⁹ Victor Cousin (1792-1867), filósofo francês.

¹⁰ Pierre Paul Royer-Collard (1763-1845), filósofo e estadista francês.

¹¹ Thomas Lawrence (1711-1783), médico inglês.

¹² François Magendie (1783-1855), médico e fisiologista francês.

¹³ Marie François Xavier Bichat (1771-1802), médico e fundador da histologia moderna.

ÍNDICE

LIVRO I

| | |
|--|----|
| CAPÍTULO I: PREÂMBULO | 11 |
| CAPÍTULO II: DIFICULDADES EDITORIAIS | 17 |
| CAPÍTULO III: REMINISCÊNCIAS | 23 |
| CAPÍTULO IV: CARACTERÍSTICAS | 35 |
| CAPÍTULO V: O MUNDO NA ROUPA | 41 |
| CAPÍTULO VI: AVENTAIS | 49 |
| CAPÍTULO VII: MISCELÂNEA HISTÓRICA | 53 |
| CAPÍTULO VIII: O MUNDO SEM ROUPA | 59 |
| CAPÍTULO IX: ADAMITISMO | 65 |
| CAPÍTULO X: RAZÃO PURA | 71 |
| CAPÍTULO XI: PROSPETIVA | 77 |

LIVRO II

| | |
|---|-----|
| CAPÍTULO I: GÉNESE | 89 |
| CAPÍTULO II: IDÍLICO | 97 |
| CAPÍTULO III: PEDAGOGIA | 107 |
| CAPÍTULO IV: A CAMINHO | 123 |
| CAPÍTULO V: ROMANCE | 135 |
| CAPÍTULO VI: AS MÁGOAS DE TEUFELSDRÖCKH | 147 |

| | |
|--|-----|
| CAPÍTULO VII: O SEMPITERNO NÃO | 157 |
| CAPÍTULO VIII: CENTRO DE INDIFERENÇA | 165 |
| CAPÍTULO IX: O SEMPITERNO SIM | 177 |
| CAPÍTULO X: PAUSA | 189 |

LIVRO III

| | |
|---|-----|
| CAPÍTULO I: INCIDENTE NA HISTÓRIA MODERNA | 199 |
| CAPÍTULO II: HÁBITOS ECLESIASTICOS | 205 |
| CAPÍTULO III: SÍMBOLOS | 209 |
| CAPÍTULO IV: HILOTAGEM | 217 |
| CAPÍTULO V: A FÉNIX | 221 |
| CAPÍTULO VI: ROUPA VELHA | 227 |
| CAPÍTULO VII: FILAMENTOS ORGÂNICOS | 233 |
| CAPÍTULO VIII: SOBRENATURALISMO NATURAL | 243 |
| CAPÍTULO IX: CIRCUNSPECTO | 253 |
| CAPÍTULO X: O CORPO DÂNDI | 259 |
| CAPÍTULO XI: ALFAIATES | 273 |
| CAPÍTULO XII: DESPEDIDA | 277 |

THOMAS CARLYLE (Escócia, 1795 - Londres, 1881) foi um escritor escocês da época vitoriana cuja obra prolífica abarca múltiplos domínios: da historiografia à matemática, da política à filosofia, da biografia ao comentário social, da ficção ao ensaio, da crítica à tradução. Criado no seio de uma família presbiteriana profundamente religiosa, Carlyle estudou na Universidade de Edimburgo com o propósito inicial de seguir a carreira eclesiástica, mas optou depois por se dedicar inteiramente à escrita. Começou por escrever resenhas e traduzir autores franceses e alemães, dando a conhecer ao público britânico alguns dos expoentes germânicos do romantismo e do idealismo. Obras posteriores como a *História da Revolução Francesa* (1837), *Os Heróis* (1841), *Passado e Presente* (1843) e *Vida de Frederico II da Prússia* (1858) consagrá-lo-iam como um dos grandes vultos intelectuais do seu tempo. Figura controversa, a um tempo conservadora e iconoclasta, Carlyle escapa à fácil categorização: lido por Marx e Engels, a sua conceção da história assente no culto dos heróis e dos «homens fortes» terá influenciado Nietzsche e inspirado o ideário fascista; crítico da aristocracia hereditária, da industrialização e do utilitarismo, ficaria também conhecido por assumir posições contra a democracia e a abolição da escravatura.

TERESA AICA BAIROS (Coimbra, 1975) é tradutora nas instituições europeias em Bruxelas desde 2009. Formou-se em Estudos Ingleses e Alemães e estudou em Coimbra, na Alemanha e na Irlanda. Foi leitora de português em Itália e tradutora independente em Lisboa. Em 2019, defendeu uma tese de doutoramento no Programa em Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no âmbito da qual traduziu a presente obra.

Sartor Resartus, publicado em folhetim entre 1833 e 1834, é a única obra de ficção de Thomas Carlyle. Estamos perante um objeto literário *sui generis*: herdeiro da tradição cómico-satírica britânica de autores como Jonathan Swift e Lawrence Sterne, narra a vida e obra de um filósofo alemão fictício, Diógenes Teufelsdröckh, fundador de um novo domínio do pensamento: a «filosofia da roupa». Paródia pouco subtil do idealismo alemão, é também um pretexto para criticar a sociedade britânica da época. O seu estilo idiossincrático exasperou um sem-número de contemporâneos e não granjeou o sucesso imediato da crítica. Mais tarde, porém, acabaria por se tornar um objeto de admiração e inspiração de autores como Mark Twain, Herman Melville e Jorge Luis Borges, e hoje trata-se de uma obra incontornável do século XIX. Sai agora pela primeira vez em Portugal com a brilhante tradução de Teresa Aica Bairos, que lhe granjeou o prémio de tradução Imprensa Nacional/Vasco Graça Moura 2020.

ISBN 978-972-27-3014-3



9 789722 730143